

Bancada petebista reúne-se 5ª com Sarney e oficializa adesão à Aliança



Presidente José Sarney

Da Sucursal de Brasília

O líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), 53, encontra-se amanhã com o líder do PTB, Gastone Righi, para discutir os últimos detalhes do ingresso do Partido Trabalhista Brasileiro na Aliança Democrática. A integração do PTB à Aliança (que atualmente é formada pelo PMDB e pelo PFL) ocorrerá, oficialmente, na próxima quinta-feira, durante reunião da bancada do partido com o presidente José Sarney, no Palácio do Planalto.

A adesão do PTB à Aliança foi proposta por Sarney a Righi em novembro passado, durante audiência no Planalto. Righi ficou de



consultar a bancada petebista. Na última quarta-feira, a proposta foi aceita pela bancada. Embora Gastone Righi negue, a Folha apurou que o PTB quer um ministério e aguarda a reforma ministerial para ver seu pleito atendido.

O líder Carlos Sant'Anna reúne-se hoje com o presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, para traçar a estratégia de seus contatos com lideranças partidárias na próxima semana. Na terça-feira à noite, terá novo encontro com os peemedebistas que defendem a soberania do Congresso constituinte.

Carlos Sant'Anna disse que irá negociar pontos pendentes que o governo quer resolver para "aliviar a pressão interna no PMDB". Entre esses pontos estão o fim do decurso de prazo e do decreto-lei, ampliação das prerrogativas dos parlamentares e extinção das medidas de emergência. Segundo ele, a intenção do

governo é fazer com que estes pontos somente constem da nova Carta.

Sant'Anna disse já foram discutidos a suspensão das atividades ordinárias do Senado e da Câmara e arquivamento de todos os projetos em andamento nas duas Casas. Segundo ele, esses projetos somente seriam desarquivados se forem do interesse ou do governo ou da sociedade. Senado e Câmara funcionariam extraordinariamente.

Desde que foi escolhido líder do governo na Câmara (oficialmente líder da maioria) no último dia 10, Carlos Sant'Anna promoveu uma série de conversas como articulador do presidente Sarney. Sua primeira missão foi visitar, ainda no dia 10, Ulysses Guimarães e apresentar-se como o escolhido do presidente. No dia seguinte foi até o então líder do PMDB, Pimenta da Veiga, e aos três candidatos a líder — Luiz Henrique João Herrmann e Milton Reis.

Lyra quer convocação imediata de eleições para Presidência

O deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), 49, um dos integrantes da chamada "ala progressista" do Congresso, defendeu ontem, em entrevista à Folha, a realização de "eleições já" para a Presidência da República. "O maior problema do país no momento é a ilegitimidade do poder", disse o ex-ministro da Justiça, referindo-se ao presidente José Sarney. Lyra quebrou, desta forma, o voto de silêncio que fizera há treze dias, após ter sido derrotado por Ulysses Guimarães na disputa pela presidência da Câmara, por 299 votos contra 155.

Nesta semana, além de defender a soberania do Congresso constituinte para "legitimar o poder", Lyra pregará a necessidade de se redigir e promulgar a nova Constituição o mais rápido possível. "A crise econômica está aí, na nossa porta. Não podemos fechar os olhos para ela", disse o deputado, acrescentando: "A carta de 1891 foi feita em cem dias e durou quarenta anos."

As declarações de Lyra deixaram preocupado o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna. Na última semana, após ter sido nomeado defensor dos interesses do Palácio do Planalto no Congresso, Sant'Anna recebeu sua primeira missão de Sarney: serenar os ânimos dos deputados "progressistas" — apelidados de "xilitas". O presidente não

quer que esses deputados reformem a atual Constituição.

"Por trás da preocupação do Palácio e do seu líder se esconde um medo maior", diz Fernando Lyra. "Eles sabem que, se a Constituinte for efetivamente soberana, a primeira coisa que será revista é o mandato do presidente". Carlos Sant'Anna responde: "Nossas preocupações são maiores. O problema é que ainda não estamos na plenitude democrática. Temos, então, de administrar a transição se quisermos atravessar o mar revolto e entrar em águas mais calmas."

Apoio disseminado

A preocupação de Sant'Anna e, em última instância do Planalto, não é sem sentido. Ambos sabem que a tese das diretas-já, defendidas por Fernando Lyra, é facilmente disseminada em partidos como o PT, PDT, PCB, PC do B e até mesmo nos setores avançados do PMDB. "Já se estabeleceu um sentimento generalizado neste sentido, inclusive entre os peemedebistas", afirma Lyra.

O ex-ministro da Justiça de Sarney afirma que é "notória" a preocupação do governo com a "inquietação" do Congresso. "Se o presidente estivesse tranquilo, não teria nomeado um líder na Constituinte. Essa sua atitude foi, na verdade, um voto de desconfiança à bancada do PMDB", diz Fernando Lyra.

Novos deputados queixam-se dos primeiros dias de Constituinte

Querendo falar no microfone de apartes, o deputado Cassio Cunha Lima (PMDB-PB), 23, precisou recorrer às cotoveladas para abrir caminho. Quando chegou ao microfone, a questão de ordem já fora resolvida e ele não pôde falar. O deputado Eraldo Trindade (PFL-AP), 31, critica os parlamentares mais velhos que pretendem ter o "monopólio da sabedoria e ensinar os mais novos". Neto de Tancredo, o deputado Aécio Neves (PMDB-MG), 26, diz que o Congresso constituinte "ainda não começou". A deputada Lídice da Mata (PC do B-BA), 31, confessa-se decepcionada com as dificuldades na discussão do regimento e Moema São Thiago (PDT-CE), 38, diz que "essa Constituinte poderia ser melhor organizada".

E assim, de decepção e frustração, o clima entre os deputados mais jovens ou em primeiro exercício do mandato. Eles se queixam de tudo: desde a falta de orientação sobre como andar pela Casa até os problemas que enfrentam com os parlamentares mais antigos.

Cunha Lima queixa-se, por exemplo, dos parlamentares que rodeiam permanentemente o microfone de apartes. Para penetrar ali, só mesmo usando os cotovelos. Segundo ele, os que mais tentam impedir os colegas de usar o microfone são os próprios líderes de bancada. O deputado diz ainda que ele e Luís Freire (PMDB-PE), 26, ficaram mais de uma hora, no primeiro dia de sessão, querendo saber onde se inscreviam para falar. Nenhum parlamentar disse. Acabaram descobrindo que era na mesa que fica atrás de Ulysses Guimarães. Cunha Lima, porém, é um dos poucos que não se diz frustrado. "Estamos tendo a última chance de resolver as crises do país".

Já Eraldo Trindade reclama dos mais velhos e dos conservadores. E

também dos progressistas que não se entendem sobre a questão da soberania. "Eles — diz — vão acabar fazendo com que a Constituição só seja aprovada em 1990. Além disso, os líderes querem decidir pelas bancadas".

Aécio Neves diz que o Congresso constituinte ainda não começou e critica aos que acusam os "rebeldes" do PMDB de quererem provocar uma desestabilização das instituições com o debate da soberania. É contra o decreto-lei, mas acrescenta que a nova Constituição deve ter prioridade.

Lídice da Mata reclama do pouco caso dos parlamentares para com os que estão na tribuna. "Muitos ficam lendo jornal ou conversando" — diz ela. A deputada afirma que, agora, quer mais escutar do que falar. Mas, como Moema São Thiago, confessa-se decepcionada. As duas reclamam das dificuldades na discussão do regimento interno e da soberania. "Vimos aqui — afirma Moema — para promover mudanças e isso está difícil". Moema queixa-se da falta de organização.